

24h\*

14ª CAMINHADA PEDRA DE XANGÔ REÚNE POVO DE SANTO PELO FIM DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

# Cortejo especial para Xangô

PEDRO MORAES/SEPROM

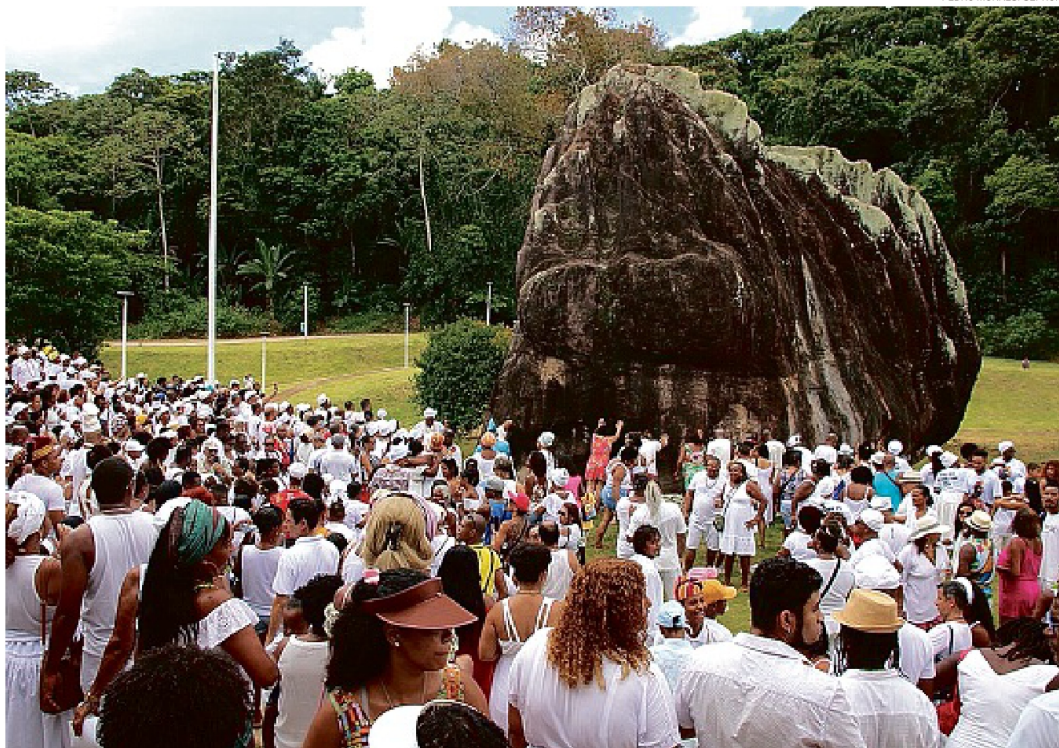
Após o padê de Exu, cerimônia do candomblé na qual se faz oferenda ao orixá da comunicação, o povo de santo atendeu ao chamado da mãe natureza e realizou a 14ª Caminhada Pedra de Xangô, em Cajazeira X, na manhã deste domingo. Mães e filhos de santo, além de outros adeptos das religiões de matriz africana, seguiram do Campo da Pronaica, pedindo o fim da intolerância religiosa, até o símbolo de resistência – a Pedra de Xangô era usada como esconderijo por negros escravizados que fugiam das fazendas localizadas na região, no século XIX.

Levados pelo som dos atabaques, agogôs, pelas saudações, mais o banho de milho branco (pedido de paz a Oxalá) e muito axé, centenas de pessoas iniciaram a caminhada por volta das 9h na Avenida Assis Valente, com o destino ao Parque Pedra de Xangô. Antes conhecida como Pedra do Buraco da Onça, e também como Pedra do Buraco do Tatu, a Pedra de Xangô foi vivência dos povos indígenas, com grande influência Tupinambá.

Um jogo de ifá apontou Xangô como o orixá da formação rochosa, também chamada de Altar de Xangô. Com 8 metros de altura e cerca de 30 de diâmetro, ela é considerada o maior monumento a um orixá no Brasil e, com isso, símbolo de luta do povo do axé.

“Pedimos respeito ao nosso povo. Pessoas adeptas de outras religiões estão atacando a Pedra de Xangô, jogando sal e outras coisas, bem como se apropriando das dunas de Itapuã, nos impedindo de realizarmos os nossos rituais. Podemos conviver harmonicamente, respeitando os espaços, mas atacar ou se apropriar do que é coletivo está errado e é preciso lutar”, declarou a chefe da casa Ilê Ayê Omin Oyá de Valéria, a mãe de santo Iyá Jitadê.

Moradora de Paripe, Valentina Tavares, da instituição filantrópica Voz do Subúrbio, acredita que a intolerância religiosa está associada à falta de conhecimento. “As pessoas veem nossa origem como algo errado. Demonizaram o nosso culto, que é algo muito bonito. As pessoas precisam conhecer e entender a nossa ancestralidade”, explicou a jovem, ao lado da avó, Ângela Cristina, 60.



BRUNO WENDEL

Presentes em todas as edições, as amigas Maria Auxiliadora, 58, e Gilzete de Jesus, 64, também comentaram a importância da caminhada. “O que queremos é apenas ter o nosso direito de cumprir com o sagrado. Nós respeitamos os evangélicos. Ninguém de santo ataca igrejas. Mas eles (evangélicos) destroem os terreiros”, disse a frequentadora da casa Ilê Axé Opá Omin Ogi, de Manguinhos, na Ilha de Itaparica.

Além do respeito à diversidade religiosa, o povo de santo pediu que a Caminhada da Pedra de Xangô seja incluída no calendário das festas de Salvador. “Assim como vem sendo o Dia 2 de Fevereiro. Queremos pela grandiosidade do evento, pois esse ato realizado há 14 anos é o nosso grito de liberdade”, declarou Kilson Melo, coordenado da Caja Verde, organização ambiental e cultural de Cajazeiras.

Secretária de Promoção da Igualdade Racial, Ângela Guimarães, comentou o assunto e prometeu que ele será prioridade em sua gestão. “É importante que eventos como esse sejam incluídos nas festas pré-carnavalescas, por causa da visibilidade ao ato, que



simboliza a resistência do povo do candomblé”, disse a secretária durante a caminhada.

O Parque Pedra de Xangô é símbolo de ancestralidade, e o primeiro parque do Brasil com nome de orixá, divindade do candomblé e da umbanda. A Pedra de Xangô foi tombada como Patrimônio

Cultural do Município em maio de 2017 pela Fundação Gregório de Mattos (FGM).

“Além do símbolo sagrado e elemento cultural afro-brasileiro, foi criada a APA Municipal contra um avanço indesejado sobre a Mata Atlântica, evitando a derrubada de árvores para implantação de loteamentos clandestinos em áreas de proteção”, disse a diretora Patrimônio e Humanidades da FGM, Milena Tavares.

BRUNO WENDEL

**Localizada em Cajazeiras, a Pedra de Xangô é tombada e é considerada o maior monumento a um orixá no Brasil**